informativo nº 01

NÚCLEO ANARCO NOISE

AGOSTO DE 1999

INCENTIVO A VIDA E CONTRA O PRECONCEITO !

VIVER É SABER CONVIVER

O preconceito e o abandono levam os portadores do vírus HIV a conviver solitariamente com a doença

As conseqüências do vírus da Aids, considerada o mal do século pela inexistência da cura definitiva, estão levando vários infectados a mudar radicalmente suas vidas. Com o advento do coquetel, remédio que estabiliza a doença, a internação tornou-se necessária somente em último caso. Na inevitável fase terminal, os que possuem recursos financeiros preferem ser atendidos em casa ou em clínicas particulares. Os menos favorecidos esperam contar com o apoio da família ou de casas de apoio. Entretanto, para uma grande parcela da população infectada o destino é mais trágico. Principalmente para os que não têm a família. O preconceito entrou definitivamente na vida destas pessoas e consumiu, praticamente, todas as economias.

Demitidos de seus empregos em conseqüência da degradação física, sem forças para continuar trabalhando nem dinheiro suficiente para um tratamento particular, muitos doentes relutam contra a internação em abrigos ou no Hospital Emílio Ribas, especializado em doenças infecto-contagiosas. Alguns venderam tudo o que possuíam na tentativa de continuar levando a vida em liberdade até onde podem. Os que ainda resistem, recebem atendimento médico básico ou são levados continuamente a hospitais quando a crise se agrava. Os menos fracos perambulam pela cidade como mendigos.

Arnaldo (nome fictício), 43 anos, já foi um conceituado estilista no meio social paulistano. "O mais triste é vê-lo tentando a reintegração social", comenta um colega que também prefere o anonimato. "É tratado como leproso. Ninguém quer aproximação. Como nesta profissão aparência é tudo, a empresa o despediu assim que começou a definhar. Automaticamente perdeu o convênio médico", esclarece. "Hoje, ele nos procura para pedir dinheiro, fedendo a pinga e xixi. Um colega em comum disse que combinou um lugar específico onde ele pode recolher a 'esmola', pois prefere não vê-lo. Está vivendo nas ruas. Soube que recentemente um derrame paralisou todo um lado de seu corpo". De acordo com o colega, Silva provavelmente vai procurar a mãe nos dias finais, que é humilde e vive no interior. "É impressionante ver uma pessoa que circulava na alta sociedade e era bastante assediada acabar desse jeito."

Benjamim Jackson, 44 anos, dono de um pequeno patrimônio, vivia sozinho em São Paulo. Ele contraiu o vírus HIV em 1985. Hipocondríaco assumido (adorava Lexotam), por diversas vezes foi parar em hospitais. Mas tão logo se recuperava, abandonava o local. "Ben queixava-se sempre de fortes dores na coluna", explica o arquiteto Antônio Castro Júnior, um dos poucos amigos que acompanhou o caso até o final. "Quando as dores se tornaram insuportáveis ele foi aos Estados Unidos em busca de tratamento. Lá, teve a primeira grande crise", comenta.

De volta ao Brasil, Jackson decidiu vender um dos apartamentos (possuía dois) e resolveu morar com um amigo, por temer a solidão. Certo dia o amigo viajou e Jackson foi acometido por uma crise respiratória. "Levei-o apressadamente ao Hospital São Luís e após o diagnóstico deram a notícia de que seu plano médico fora cancelado." Júnior exigiu uma ambulância para transferi-lo de hospital. "O médico até que foi legal. Nos indicou um especialista conhecido no Hospital Emílio Ribas, mas Ben se recusou. Preferiu o Hospital Oswaldo Cruz." Júnior foi obrigado a deixar um cheque como garantia no valor de R$ 20 mil.

"O próprio médico do Oswaldo Cruz indicou um advogado que fizesse com que o plano médico Amil cobrisse o tratamento. Conseguimos uma liminar na Justiça." Jackson permaneceu internado por 15 dias com pneumonia dupla, virótica e bacteriana. Parcialmente recuperado, voltou à vida ativa. "Mas duas vezes por semana surtava", esclarece Júnior. "Então, resolveu contratar uma enfermeira para atendê-lo em casa. Mesmo assim, precisou retornar ao hospital duas vezes. Na primeira, permaneceu por dois dias. Na segunda, já não falava e perdeu a coordenação motora." Enquanto isso os recursos minguavam. "O médico aconselhou que voltasse para casa pois já não valia a pena a permanência no hospital, o que também ficaria mais barato. Poderíamos, inclusive, perder a liminar." Ben Jackson faleceu em casa e apenas três amigos ajudaram no sepultamento. "Esperamos até 3h da manhã pela funerária. Ben estava no quarto, morto, com rolhas em todos os orifícios. O velório foi solitário. Todo seu dinheiro foi consumido com a doença."

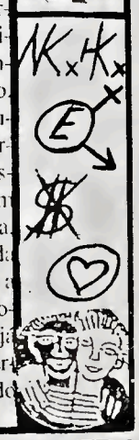
Nos 28 dias de internação, Joselaine pintava para passar o tempo

O arquiteto Lucas Bernardo (nome fictício), 44 anos, conseguiu esconder a doença de todos os amigos até a fase terminal. Felizmente pôde contar com o apoio incondicional da família. "Um dia Bernardo disse que estava fazendo dieta. Emagreceu rapidamente. De repente surgiu uma pequena verruga no olho direito", comenta Marcos Moura, amigo que também acompanhou o caso até o final. Por conta disso começou a fazer sessões de quimioterapia. "Nunca mais pôde parar, pois a doença poderia consumir o olho completamente", explica Moura. Vaidoso, não se conformava com a perda de cabelos. "Passou a usar óculos escuros, perdeu a vontade de viver, alegava cansaço e se achava feio."

Sem a cobertura total do plano de saúde Top Bradesco, do qual era conveniado, Bernardo teve que arcar com a maior parte das despesas. O plano não sustentava, por exemplo, as sessões de quimioterapia nem o acompanhamento do médico indicado por amigos, além das despesas de farmácia, que eram altas, para combater as conseqüências das doenças oportunistas.

O arquiteto trabalhou até a última internação, quando não conseguiu mais retornar. "Como era sócio em um escritório, pôde exercer a profissão mesmo doente. Todos os clientes ficaram sabendo e procuravam entendê-lo. O estado de soro positivo era notório. Quando acompanhava o trabalho em alguma obra evitava o contato com a poeira, sera gem e outras partículas. Depois das sessões de quimioterapia, passava dois dias sem voltar ao trabalho." De acordo com Moura, o dinheiro foi acabando. "O custo total da doença foi muito alto. Eram cremes para a pele, alimentação especial, incontáveis produtos." Em meados de agosto de 1997, já em fase terminal, Lucas Bernardo foi internado no Hospital Oswaldo Cruz, passando para a UTI e morrendo 12 dias depois.

A luta de quem enfrenta a Aids



unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

EDITORIAL

Olá @mig@s...

Formamos esse "núcleo"(**Anarco Noise**), onde divulgaremos métodos de prevenção, combate ao preconceito, esclarecimentos @s preconceituos@s, idéias, relatos e informação, muito mais que somente "informar", almejamos uma "mudança de comportamento" desta sociedade, que essa mudança comece mesm@ com você que esta lendo este informativo, por isso oferecemos este nosso primeiro trabalho, onde num *modesto* espaço, esperamos poder levar uma informação forte, sincera e bem simples, totalmente anti-preconceituosa e sempre buscando solidariedade, amor, compreensão, luta e ativismo !

Por isso não nos limitamos a ficar divulgando esse informativo a você que está na cena, mas sim levar a informação à população em geral, onde de acordo com nossas condições, faremos sempre e sempre com muito prazer. Esperamos a tua colaboração neste trabalho, uma conversa, um esclarecimento é muito importante ! Permita-se a dar e receber amor !

Vamos prosseguindo e agradecemos tua atenção, no mais ; saúde, amor, e ativismo !

Beijos e abraços:

Edson "OSSO"
&
Valdo

Coquetel amenizou o sofrimento

De acordo com o infectologista Vasco C.P. de Lima, no final dos anos 80 pacientes com Aids esperavam até três dias por uma vaga nos corredores do Hospital Emílio Ribas. Hoje, a situação melhorou consideravelmente, principalmente com o surgimento do coquetel, em 1995. Antes só havia o AZT. "Atualmente, não deixamos pacientes internados em condições de alta", explica o médico. "Quando isto acontece, a família é notificada e uma ambulância leva o paciente até sua casa. Existe, inclusive, um grupo estrutural no sentido de manter o paciente terminal em casa com assistência médica e ajuda da família."

Segundo o médico, os que não têm para onde ir ou são rejeitados pela família, são encaminhados para casas de apoio e ONGs (Organizações não Governamentais) pelo Serviço Social. O ambulatório do segundo andar, onde 230 pessoas comparecem diariamente para o ritual de ingestão do coquetel (são de 10 à 20 cápsulas por dia), agilizou de tal forma o atendimento que hoje não existe mais fila de espera. Além disso, a Prefeitura criou postos de atendimento na cidade para descentralizar ainda mais o atendimento no Emílio Ribas.

"Existe uma procura muito grande pelo coquetel. Mas a negação da patologia é um sério problema social," explica Lima. "É comum pessoas gastarem todo o dinheiro em tratamento particular e depois procurarem um serviço público gratuito. Muitos hospitais pedem a transferência de seus doentes para cá por não possuírem mais condições de pagar." O médico diz ainda que o governo permite, de certa forma, uma política perversa nos planos de saúde que fazem de tudo para se livrar das doenças infecto-contagiosas. "Eles eliminam estas moléstias porquê em caso de epidemia teriam que pagar o tratamento de todos os contaminados associados. Os hospitais particulares sugerem à família entrar com liminar contra estes convênios médicos."

Tudo é gratuito no Emílio Ribas, acrescenta a assessoria do Hospital. "No total, são 318 médicos que atendem, aproximadamente, de 60 a 70 pessoas diariamente. Somente o ambulatório recebe 230 pessoas por dia que se medicam e vão embora. Em 15 anos já atendemos 26 mil casos de Aids." Dos 250 leitos ativados, 100 são destinados aos portadores da doença. A UTI, considerada hoje como uma das melhores do mundo, gasta com cada paciente US$ 1.500 por dia. "Um quarto simples custa ao Estado US$ 600 por dia." A alimentação e limpeza do Hospital foram terceirizadas.

Para o infectologista Lima, neste final de milênio a maior preocupação está relacionada com usuários de drogas, principalmente as injetáveis. "Sob efeito da droga este grupo torna-se vulnerável ao contágio da doença já que perde o autocontrole e acaba ultrapassando os limites." Outro fator preocupante é o aumento do contágio entre mulheres heterossexuais. "No início eram 80 homens contaminados para cada mulher. Hoje está um por um". Somente um caso de contágio entre duas mulheres foi notificado. "Mas aquilo não foi sexo, foi uma verdadeira batalha campal", brinca o médico.

VIVER É SABER CONVIVER.
Conviver é o ato de amar, dialogar e participar.

NÃO ESTAMOS SOZINHOS NA ESTRADA...
Fazemos parte de uma grande caravana que se encaminha para a mesma meta.
– VAMOS COLABORAR UNS COM OS OUTROS.

A faxineira Adriana contraiu o vírus do marido, usuário de drogas injetáveis

CONTATOS:

EDSON OSSO
R CORACAO MATERNAL 136
VILA SOUZA 02880-040 SAO PAULO SP

VALDO NC
RUA LOEFGREEN, 983 SÃO PAULO - SP
VL. CLEMENTINO CEP 04040-030

D.I.Y.

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

NÚCLEO ANARCO NOISE

" INCENTIVO À VIDA E CONTRA O PRECONCEITO "

"Desde que a epidemia do HIV/AIDS começou a se formar no final da década de 70, a cura p/esse mal é a esperança de muita gente. Nos primeiros anos aqueles que manifestavam a doença tinham poucas armas p/lutar pela vida, por vezes, falecendo por causa de diversas doenças oportunistas. Mas após a liberação do "AZT" em 1987, houve uma melhora na situação. Além de outros medicamentos anti - HIV que apareceram, tivemos também o advento do coquetel, em 1996.

Com todos os avanços, alguns setores da sociedade, com comportamentos leviano, parecem não levar tudo isso muito a sério, se aproveitando das dificuldades e desesperanças do soropositivo, oferecendo outras "alternativas milagrosas", feitas por alguns grupos religiosos que oferecem ajuda p/aqueles que abandonarem a medicação e confiarem apenas no DEUS que eles acreditam.

Os medicamentos à disposição dos portadores(as) do HIV/AIDS não curam ainda mas são uma conquista inegável p/quem necessita usá-los.

De todas as dificuldades existentes, existe uma que parte de dentro p/ fora de nós: o preconceito, de doença inventada, como sugerem alguns, o HIV/AIDS / passou a ser algo bem "próximo", "íntimo", preocupante p/uns, desapercebido para outros, mas o preconceito em relação ao HIV/AIDS continua a se manifestar ' de todas as maneiras, as pessoas soropositivas (portadoras do HIV), passam por vários constrangimentos, o que antes se diziam amigos(as), se voltam contra ele, familiares com medo de "sujar" o nome da família, condenam o soropositivo, e o descriminam. Apresentadoras de TV, fazem "piadas" com a sigla A.I.D.S (ANA MARIA BRAGA, no dia 15 de março, no programa "NOTE E ANOTE", da REDE RECORD , diz, entre uma disputa de piadas, que a sigla A.I.D.S, significa: "Agora Idiota Durma Sozinho).

Com o preconceito de todos os lados, os soropositivos acabam de certa forma como se sentindo culpados. Devemos lembrar que o vírus HIV não escolhe pessoas, independente da cor, sexo, opção religiosa, classe social, somos todos iguais, e podemos passar por situações de risco também! Devemos acabar com o preconceito que existe em nós, conversar mais sobre nossa sexualidade, nos prevenirmos, uma camisinha não custa caro, e pode até mesmo ser adquirida de graça em postos de saúde, ou no COAS Rua Santa Cruz, nº 81, metrô Santa Cruz, e nos diversos / espalhados por S. Paulo, onde oferecem palestras e testes(gratuitos). Ou se você usa droga injetável, "desinfete" sua seringa, basta encher com água limpa , 2x, esvaziar, encher com água sanitária, 2x, durante 30 segundos e depois a encha com água limpa, 2x. Seja radical e adote sempre prática segura, em relação oral, anal, vaginal, sempre use camisinha.

Não é tão difícil, e podemos nos prevenir, contra todos os tipos de preconceitos, vamos nos unir e cooperar, sermos mais solidários, o(a) soropositivo(a) precisa de amor, carinho, cuidado, apoio, não podemos dar as costas à essa realidade!

Lembrete:

"Aidético é uma palavra pejorativa e discriminatória e não representa a pessoa. AIDS é uma síndrome a partir de um conjunto de infecções oportunistas. Não podemos nos referir a uma pessoas por sua doença.

O(a) portador(a) do HIV/AIDS ou soropositivo(a) ao HIV não é um(a) aidético(a)

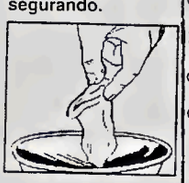
Ponha a camisinha com ele duro.

Aperte a ponta para sair o ar.

Desenrole até embaixo.

Não use lubrificante gorduroso.

Após a transa Tire com ele duro, segurando.

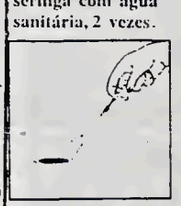


Use uma vez só.

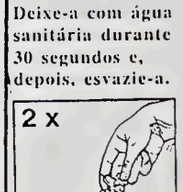
Encha a seringa com água limpa, 2 vezes.

Esvazie-a cada vez na pia ou no ralo.

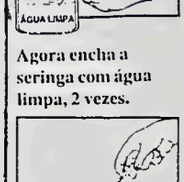
Agora encha a seringa com água sanitária, 2 vezes.



Deixe-a com água sanitária durante 30 segundos e, depois, esvazie-a.



Agora encha a seringa com água limpa, 2 vezes.



Esvazie-a cada vez na pia ou no ralo.

APRENDA A TRANSAR COM A EXISTÊNCIA DA AIDS

SEJA UM ALIADO.

Renove a esperança. Combata o vírus com a arma da informação. Lute contra a discriminação. Seja forte: permita-se dar e receber amor, cuide do outro, cuidando-se!

Usando CAMISINHA!

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

Será que eu tenho uma DST?

A gente tem sempre que estar se olhando, se fuçando, pra ver se tem alguma doença sexualmente transmissível, mas é indo ao Posto de Saúde, que a gente vai tirar as dúvidas.

Essas doenças têm que ser descobertas logo no começo, porque o tratamento vai ser mais fácil e rápido.

Se a gente não encontrar nenhuma ferida, nenhuma verruga e não está com corrimentos, mas fez sexo sem camisinha com alguém que tem algum desses sinais, tem que ir ao médico porque a gente pode precisar se tratar.

Vá ao Posto de Saúde.
Só tome o remédio que o médico mandar.

Quando a gente descobre que tem uma DST, tem sempre que falar para a pessoa com quem a gente transou prá ir ao médico também.

Não se pega AIDS
Beijando
Abraçando
Convivendo
No banheiro
No trabalho
No ônibus

SE VOCÊ OU SEU PARCEIRO (A) TIVER, NA VAGINA, NO PÊNIS OU NO ÂNUS:

- Verruga
- Corrimento
- Coceira
- Mau cheiro
- Bolhas
- Ferida
- Ardor ao urinar
- Dor na Relação Sexual

Vocês podem estar com DST.

Você sabia que a Aids também é uma DST?

"Camisinha, amizade, sexo, respeito, tesão e amor são coisas boas. Mas todas juntas é muito melhor.

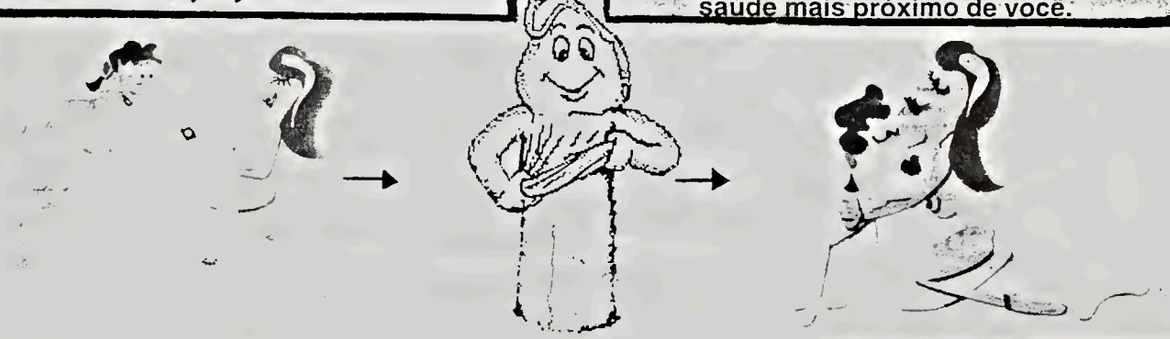
A camisinha proteje das Doenças Sexualmente Transmissíveis - DST, da AIDS e evita a gravidez.

O uso da camisinha é uma responsabilidade de ambos, onde um ajuda e estimula o outro.

Conversando a gente sempre se entende. E você, vai encarar essa?"

SEJA RADICAL!

- Adote sempre prática segura.
- Recuse relações sexuais que não sejam seguras.
- Nas relações sexuais com penetração, faça uso do preservativo.
- Saiba recusar o uso de drogas.
- No caso de usar drogas injetáveis, não compartilhe seringas e agulhas.
- Na suspeita de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST), procure, de imediato, o serviço de saúde mais próximo de você.



A sexualidade é uma parte importante da vida da gente!

"Se deseja Paz, Lute contra Opressão

Não jogue fora este informativo
Dê para alguém ler.
IMPORTANTE

A aids é um problema de todos nós

Participe com a sua coragem e o seu amor. Faça parte do grupo que luta e coopera. Seja amigo: ame com cuidado e deixe-se amar!

EDSON "OSSO" & VALDO @noise

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis